



Nº 2 . Ano 1 . Maio/2010

Visite nosso projeto pelos endereços abaixo:
Site: www.ded.ufla.br/generosexualidade-ei
Blog: <http://generosexualidade-ei.blogspot.com>
Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=101551664>

Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil inicia curso para profissionais em três universidades

As universidades integrantes do Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil, que já possuem experiências na formação de educadores e educadoras, realizam, cada uma, um curso para 100 profissionais da Educação Infantil com duração de 80 horas. Este curso já está acontecendo na UNICAMP, na UFLA e na UFJF. No segundo semestre, o curso acontecerá, também, na UFMS e USP/Leste.

Em Campinas/SP, com coordenação do professor Ricardo Castro e Silva e apoio de docentes: Helena Altmann, Ana Maria Facioli de Camargo, Paulo Reis e Maria Teresa Arruda Campos. Discentes: Júlio Paulo de Moraes, Sofia Farias, Dolores Setúbal Assaritti, Lauren Souza e Beatriz Tomaz Ruela, participam aproximadamente, 110 professoras e professores. O início das atividades aconteceu no mês de Abril e as turmas são divididas em duas com encontros presenciais realizados à tarde e noite. A formatação das atividades e como seria oferecido o curso, ficou a cargo da coordenação local devido às especificidades de cada lugar, porém, os conteúdos estão alinhados teórico-metodologicamente, sendo todo material didático estudado por todas e todos cursistas.

Em Lavras/MG, a equipe é coordenada pelas professoras doutoras Cláudia Ribeiro e Ila Maria Silva de Souza e coordenação adjunta da professora Carolina Faria Alvarenga, conta com os/as discentes de graduação e pós-graduação: Alessandro Garcia Paulino, Ana Flávia Soares, Cristiane Salgado Mendes, Evelyn de Melo Paulo, Isabella Carolina do Nascimento, Lívia Monique Faria, Marina A. Marques Castanheira, Morgana de Oliveira Faria, Priscila R. Vilas Boas, Samanta Fraiz de Melo, Vanessa de Paula Caixeta, Willian Divino Inácio e a Assistente de Pesquisa Sabrina Azevedo Ferreira Assis. O projeto em Lavras tem parceria da ONG Ciranda-Entretecendo Caminhos. São aproximadamente 115 cursistas que se encontram desde Abril, uma vez por semana e, devido a especificidade local, não se dividiu a turma, os encontros são das 13h às 17h. Fazendo o curso de formação na UFLA, estão professoras e professores de várias cidades da região do Sul de Minas: Nepomuceno, Alfenas, Paraguaçu, Eloi Mendes, Campo Belo, São Francisco de Paula, Campos Gerais, Três Pontas, Itumirim, Três Corações e Lavras.

As trocas de experiências e metodologias utilizadas não ficam restritas a essa ou àquela universidade e cursistas, a equipe de coordenação se encontra e, na



medida do desenrolar do curso, vão até as universidades, como por exemplo, quando do início do curso na UNICAMP, uma representante da equipe da UFLA estava presente e quando iniciou-se o curso em Juiz de Fora, uma das coordenadoras compareceu, com intuito de conhecer a realidade local e também levar, através da fala teórica, conhecimentos, ampliando as discussões.

Em Juiz de Fora/MG o curso teve início no fim de Abril e início de Maio. A equipe da UFJF é coordenada pelo professor doutor Anderson Ferrari e Roney Polato e conta com os/as discentes de graduação e pós-graduação: Iara A. Mendes Lima, Dartagnan Abdias Silva, Daisiane Martins Reiter, Leonardo Francisco de Azevedo, Fernanda Maria L. Winter de Oliveira, Kelly da Silva, Wesley Dinali, Thomaz Spartacus Martins Fonseca e Raphaela Souza dos Santos desenvolvendo atividades para aproximadamente 120 cursistas que se encontram uma vez por semana, às sextas-feiras à noite e sábado pela manhã.

A equipe da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS - coordenada pela professora doutora Constantina Xavier Filha conta com as discentes: Sabrina Canepa Lameu, Poliana Mori, Lorena Martins e Laysa Ferreira da Silva, estão trabalhando em outras ações e iniciarão as atividades do curso de formação no mês de Agosto. A equipe da USP/Leste, coordenada pela professora doutora Elizabeth Franco Cruz e as discentes Francine Even de Souza Cavalieri, Leonor Ramos Pinheiro, Paola Elizandra Simões Casparini também está aguardando o início do curso para o segundo semestre e realizando atividades.

Em todos os encontros o foco está direcionado a formação de cursistas para problematizarem gênero e sexualidade nos currículos na Educação Infantil. Trabalhando com textos culturais diferenciados tais como filmes, livros infantis, documentários, as/os cursistas podem e criam suas próprias alternativas de se envolver na escola, de criar projetos e atividades direcionados às crianças. Com o desenrolar do curso, quer seja na UNICAMP, na UFLA ou UFJF, as/os professoras/es chegam mostrando atividades realizadas nos espaços escolares através da leitura de um livro infantil, de um conto, e socializam as experiências relatando, documentando em fotos e em seus "cadernos de bordo".

O desafio foi lançado e as coordenações dos cursos, as/os discentes envolvidos, as/os cursistas, com todas as dificuldades que se apresentam, estão conquistando seus caminhos, se apropriando da educação para os valores humanos, respeitando as diferenças, criando formas de estar junto às crianças e (re)descobrir formas e formatos de (re)fazer o dia-a-dia na Educação Infantil.

Este é o segundo número do TEARES que vocês estão recebendo. Um projeto ousado, grandioso, como este, tem para além deste informativo, um elo de conexão virtual que é a página na internet, o blog e uma comunidade no orkut. Nestes espaços estão fotos das atividades desenvolvidas, artigos, sugestões de leituras, filmes, e também, no blog, vocês, leitoras e leitores, podem e devem deixar seus comentários, sugestões enriquecendo cada vez mais as ações. Acessem o TEARES virtualmente, naveguem no site, comentem no blog e discutam no Orkut, na comunidade do "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil".

O objetivo do Projeto "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil", é qualificar técnica e politicamente 500 professoras e professores que atuam na educação infantil, visando implementar a educação para as sexualidades e gênero para crianças de 0 a 6 anos de forma intencional e sistemática nas instituições de educação infantil. Partindo da realidade presente nas escolas, o Departamento de Educação da UFLA, através da coordenação das professoras doutoras Cláudia Ribeiro e Ila Maria Silva de Souza, desenvolve o referido projeto.

Este projeto é concebido em sete linhas de ação envolvendo as universidades Federal de Juiz de Fora (UFJF), Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Federal de Lavras (UFLA), Unicamp e USP-Leste. Cada universidade participante possui uma coordenação adjunta e bolsistas acadêmicos/os destas universidades.

Editorial

Bem vind@s ao prazer da leitura de nosso segundo número deste jornal!

Eu poderia falar (escrever) de tantos modos e sobre tantas ideias... mas escolho uma ideia que me é tão cara e que necessito partilhar com vocês: a ideia fundamental de "processo educativo coletivo e em comunhão"! Pensar com Paulo Freire no gosto de nos educarmos junt@s, de partilharmos o gozo da construção coletiva a partir de nossas singularidades, diversidades e diferenças e a partir também de nossas igualdades e responsabilidades individuais e coletivas, o que certamente nos faz mais fortes para nosso trabalho diuturno e também ao longo do desenvolvimento de nosso Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil.

Com Gonzaguinha reitero a "beleza de ser um eterno aprendiz"! Aprendiz da convivência, do desenvolvimento de nossa humanidade, dos afetos, da expressão da vivência da sexualidade em sua plenitude, do compromisso ético e político de uma cidadania que rejeita viver em mundo injusto, que rejeita viver da injustiça que acomete a maioria das pessoas e que, por isso mesmo luta e trabalha para que se instaure a justiça para tod@s em qualquer modo e circunstância. O que exige de nossa parte tanto compromissos éticos e políticos quanto qualificação científica e técnica para agir e interferir nos processos educativos escolares e não-escolares, contribuindo assim com nossa parcela na construção de um mundo melhor: mais justo, mais fraterno, mais inclusivo para tod@s!

Que nossas diferenças sejam também elos de ligação em nossas igualdades e que o prazer de estudar, de construir, de saber ser, de "viver em comunhão" seja o fio condutor de nossas existências e de nossas vivências nesse Projeto.

Ila Maria Silva de Souza
Professora Adjunta do

Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras
Coordenadora do Projeto Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil



Grupo de Estudos da UFJF, Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade problematiza questões que circulam nas escolas

A equipe de coordenadoras e coordenadores do Projeto "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil", é formada por professoras, professores, mestres, doutoras e doutores das cinco universidades onde há atividades do referido projeto. Esta equipe deu origem ao Grupo de Estudos ANAHI, cuja sede é em São Paulo – USP/Leste – e discute, problematiza e produz conhecimentos na área da sexualidade, gênero, diversidade sexual, dentre outros temas correlatos.

Em cada universidade há um grupo de estudos que iremos destacar neste espaço. Na segunda edição do TEARES falaremos do Grupo de Estudos que se formou em Juiz de Fora, "resultado de encontros pessoais e acadêmicos que fazem com que nos reconhecemos como estudiosos e estudiosas dos processos de construção dos sujeitos e das subjetividades a partir da educação", diz um dos coordenadores do Grupo Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade, professor/doutor Anderson Ferrari. Este grupo de estudos foi gestado no interior do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – NEPED.

Tendo como fio condutor de seus estudos, das análises e fundamentação teórico-metodológica a perspectiva foucaultiana, o grupo assume pensar sujeitos e subjetividades em meio à trama histórica, como objetos de conhecimento, de discursos e poder historicamente construídos em jogos de verdades, afirma Anderson.

Questões como identidade, alteridade, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade, dentre outras, fazem parte da construção das pesquisas do grupo de estudos e se transformam em ferramentas de discussão, conceituais e analíticas, quando seus integrantes levam estas temáticas para suas práticas de intervenção social, construindo assim suas pesquisas. Problematizar de que maneira as questões de gênero e sexualidades estão circulando nas escolas, de que modo são reforçadas,

Um Convite: Articular Identidades e Diferenças na Educação Infantil

Foi com muita alegria que iniciamos o curso "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil", em Juiz de Fora, no dia 30 de abril. Alegrias multiplicadas. Primeiro porque trata-se de um investimento de grupos interessados no debate que envolve as construções das subjetividades, das professoras e professores, da escola, enfim, interessados nas articulações políticas da rede de saberes e poderes que envolvem todos nós e nossos espaços de convivência. Segundo, pela aceitação de muitos e muitas docentes e da própria secretaria de Educação da cidade de Juiz de Fora em terem dito sim ao "convite" que fizemos. E o convite foi muito claro: a partir da música de Zeca Baleiro intitulada "Do It", convidamos a todos a se mexer, a sair do lugar, a pensar diferente. Como todo convite ele poderia ser aceito ou não e sua não aceitação implicaria no fracasso da "festa" e, para seguir a analogia do convite, representaria o fracasso do curso.

Estabelecidas essas relações entre convite e participação, aceitação e pensar diferente, busquei discutir as articulações entre identidades e diferenças, entendendo-as como relacionais e como resultado de construção discursiva e de poder. No entanto, não queria que minha fala fosse apenas teórica. Neste sentido, duas preocupações serviram para organizar minha intervenção. Por um lado a tentativa de estabelecer um diálogo permanente com as professoras e professores e, por outro lado, a escolha por trazer situações do cotidiano escolar, sobretudo ligadas à Educação Infantil. Assim sendo trouxe para fala três suportes, três instrumentos que me ajudaram a desenvolver a teoria em torno das relações entre identidades e diferenças.

O foco central da minha fala estava em propor pensar as construções e investimentos em torno das identidades e das diferenças a partir de três processos que são concomitantes e que estão presentes na sociedade de forma geral e, consequentemente nas escolas. Para desenvolver o primeiro processo – Objetividade X Subjetividade – utilizei-me da reprodução de uma intervenção. Durante a realização do minicurso "Homossexualidades e Escolas" que ofereci na reunião anual da ANPEd (2009), uma professora de educação física, teve a seguinte participação: "Eu sou professora de Educação Física e de educação infantil e estou com um problema na minha escola. Eu tenho um aluno de quatro anos que a avó levou para comprar um sapato e na loja ele quis uma sapatilha. A avó foi a escola e contou essa história pedindo uma ajuda da escola e a diretora pediu para que nós ficassemos observando esse aluno, e o seu comportamento para saber o que está acontecendo."

A projeção dessa fala causou muitos comentários que resultaram em movimentos: a sala foi tomada por corpos se mexendo na cadeira, o que era um relativo silêncio foi quebrado por sons de frases, expressões de indignação, espanto, enfim,

estava aceito o convite de se mexer, de sair do lugar. A partir daí discutimos duas ideias tomando como base o livro de Tomaz Tadeu (data) – "Identidade e Diferença": "As identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas", "Segundo Stuart Hall (1997) a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior". Duas ideias desenvolvidas pelas perspectivas teórico-metodológicas que assumimos, ou seja, a perspectiva pós-estruturalista, sobretudo as contribuições de Michel Foucault, que centram a análise na linguagem como produção disso que chamamos "realidade". Assim, me parece fundamental pensar as relações e os "embaralhamentos" entre gênero e sexualidade tomando como fundo essas perspectivas que chamam atenção para os discursos, saberes e poderes que vão nos constituindo. Saberes que são situados historicamente e não tomados como a-históricos e que, portanto, vão construindo objetos de conhecimento e "verdades", que nos organiza e nos informam sobre pessoas, constroem subjetividades. Não quero dizer com isso que são processos lineares, mas que fazem parte de uma tensão em que saberes e subjetividades vão se constituindo ao mesmo tempo.

O segundo processo – Individualização X Homogeneização – foi estabelecido a partir de um livro destinado à Educação Infantil – "Ceci Tem Pipi?". Uma estória infantil que passa em torno de duas personagens: Max com suas certezas e Cecili com suas dúvidas e resistências. Um encontro mobilizador, um encontro como deve ser os encontros, em que uma modifica o outro e, pensando que o nosso curso, para além de um convite, também é encontro, são encontros, o livro serve também para mexer, para tirar do lugar. A leitura suscitou reação: novamente os corpos se mexiam nas cadeiras, os comentários explodiam, agora as risadas tomavam a cena, os rostos expressavam o encantamento com a estória e com a modificação de Max, que com suas interrogações, dúvidas, incômodos e investigações, foi capaz de se alterar pela desconstrução de suas certezas e do lugar que ele dava ao diferente, ao outro, no caso, a mulher. Desconstrução que foi possível através de outro lugar assumido pela mulher, por Ceci. Feitas essas vinculações discutimos os seguintes pontos. Primeiro que "A identidade é relacional". Como desdobramento, que "A identidade depende de algo fora dela para existir, ela depende de outra identidade que é diferente dela". O terceiro ponto, que "A identidade se distingue por aquilo que ela não é. A identidade é marcada pela diferença". Logo após uma provocação: "A diferença é sustentada pela exclusão: 'se você é homem não pode ser mulher e vice-versa'. Buscando ficar mais claro, que "A identidade é marcada por meio de símbolos. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela



usa e faz. Jogar futebol, assim, funciona como um significante importante da diferença e da identidade e como um significante que é com frequência, associado com a masculinidade".

Aproximando-me do final lancei mão de uma história real vivenciada por mim e que está no material recebido pelas professoras e professores do curso, num artigo intitulado "Mãe! E a tia Lu? É menino ou menina?" – Corpo, imagem e educação". Para mostrar que esses processos de construção das identidades e diferenças está inscrito no social e cultural e que a escola não pode ser vista isolada de uma discussão mais ampla, trouxe para discussão uma situação ocorrida com uma prima, eu e sua filha – Maria – em que a criança demonstrava já dominar a "classificação" e "separação" por gênero, até o momento em que isso foi desestabilizado por alguém que não estava enquadrado. Neste momento, a discussão em torno das diferenças foi o que prevaleceu e nos serviu para problematizar e compartilhar uma série de interrogações pertinentes para o curso: como nos comportamos diante do que identificamos como diferenças? Como as diferenças nos desestabilizam? O que elas dizem de nós mesmos? Como nos momentos anteriores, também fomos tomados por incômodos, com perguntas que também tiraram todos nós dos lugares, fazendo-nos mais uma vez, mexer nas cadeiras, risadas sendo substituídas por pensamentos longos, cabeças balançando em sinal de concordância, enfim, saímos do lugar e isso por si só é incômodo. No entanto, um incômodo que me parece produtivo, visto que pode servir para fazer diferente e possibilitar novas formas de expressão atacando o terceiro processo, que encerrou a minha fala – "Hibridização x Absolutização".

Para encerrar quero voltar à metáfora do convite que utilizei no curso e recuperei aqui. Convite que pode nos remeter à festa e que nos serve para pensar esse primeiro encontro. Convidar e dar uma festa causa ansiedade, exige preparação, significa escolher os convidados e convidadas, pensar o que vai oferecer e torcer para que todos/as gostem, que saiam falando bem. Dizem que o melhor da festa é esperar por ela. Compartilho dessa opinião, mas diante do que ocorreu no dia 30 de abril, posso afirmar que foi muito bom dar a festa, convidar, escolher os/as convidados/as, preparar para ver que o convite foi aceito, as/os professoras/es, como nossos convidados/as, foram a escolha certa, enfim..., que o curso aconteceu.

Anderson Ferrari
Professor Doutor da Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Educação
Professor do Colégio de Aplicação João XXIII
Juiz de Fora

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença.

In: ____ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

FERRARI, Anderson. Mãe! E a Tia Lu? É Menino ou Menina! – Corpo, Imagem e Educação, 2002.

LENANI, Thierry. Ceci Tem Pipi? Editora Companhia das Letrinhas



questionadas, modificadas, confrontadas e vivenciadas significa pensar a educação como resultado dos processos de construção, ou seja, como somos transformados em sujeitos de uma cultura, transformação esta que coloca em funcionamento uma rede de forças e de aprendizagens que envolve toda escola, afirma o professor Anderson e seu grupo de estudos, em uma conversa com o Jornal TEARES quando do início do curso em Juiz de Fora. Por tudo isso, o grupo de estudos "Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade", foi criado, para problematizar a construção das identidades e dos enquadramentos que nos convida a olhar para as questões de gênero e de sexualidade, na perspectiva que o grupo assumiu, dos Estudos Feministas, tendo como abordagem teórica o pós-estruturalismo, especialmente no que se refere às contribuições de Foucault que fornece ferramentas para problematizar as relações que dão título ao grupo. O surgimento do grupo está relacionado a trajetórias acadêmicas e de investigação, tanto individuais como coletivas, com interesses em indagações sobre sexualidade e cultura no contexto da educação brasileira. Também, como uma maneira de dar continuidade às atividades exercidas entre orientador e orientandos/as no interior da linha de pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, principalmente na área temática Estudos Gays e Lésbicos: Identidades, Sexualidades e Educação, ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Citamos os Projetos de Iniciação Científica aprovados e financiados, desde 2006, pelo



professor/doutor Anderson Ferrari que tem como foco de investigação o processo de construção das identidades nas escolas. São eles: Bullying: o combate à discriminação no contexto escolar; Bullying e Homofobia na escola e Gênero, Televisão e Consumo. Outras realizações do Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade: - Pesquisa realizada em 2007 e defendida em 2008, sob o título "A Infância nas tramas do poder: um estudo das relações entre as crianças na escola" de autoria de Gabriela Silveira Meireles. - Em 2008 Roney Polato de Castro "apropriando-se das características de "movimento", "imprevisibilidade" e "inconstância" das viagens", defendeu dissertação intitulada "Apertem os cintos...Uma viagem pelos sentidos e possibilidades do programa de Educação Afetivo-Sexual (PEAS)". - Março de 2009 aconteceu a defesa de Giane Elisa Sales de Almeida, na Universidade Federal Fluminense, analisando a história de educação de mulheres negras em Juiz de Fora, intitulada "Entre Palavras e Silêncios: Memória da Educação de Mulheres Negras em Juiz de Fora – 1950/1970". - "Entre Lembranças e Silêncios – Memórias



As falas das crianças



Motivada por minha participação no Projeto "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil" trabalhei com as crianças da 2ª série da faixa etária de 7 a 8 anos, o livro "Ceci tem Pipi?" de autoria de Thierry Lenain, dentro do projeto "Sexualidade na Educação Infantil", pensado e em desenvolvimento na escola.

O início foi de reconhecimento; comeci contando a história e mostrando as gravuras. Todas as crianças ficaram muito interessadas.

Possibilidades para além da Educação Infantil

Planejei três momentos para este trabalho: o primeiro foi a hora do conto ao ar livre; o segundo momento foi dedicado ao recorte das crianças. O que marcou foram as perguntas e curiosidades. Já no terceiro momento chegou a hora de registrar a história através de desenhos. Foi quando descobri a riqueza do projeto que despertou a criatividade destas crianças que utilizaram massinha de modelar para contar suas histórias.

Conclui que este foi o momento de conhecer a realidade de cada criança sobre o assunto, a troca de ideias entre eles, seus pensamentos e conhecimentos, e suas descobertas onde perceberam que as partes do corpo do menino são diferentes do corpo da menina.

Graziella Maria dos Santos Costa Silva
Professora de 2ª Série
Colégio Tiradentes da PMMG

As Falas das Crianças expressas através de "massinha de modelar" e escrita.

"Ceci e Max foram a praia e quando Ceci tira a roupa



para nadar Maxi vê que ela não tem pipi". J.F.S.

"Ceci está fazendo pipi e Max está olhando debaixo da porta. Eu imaginei assim". M.E.L.C.

"Max pensou que Ceci tem pipi. Max foi na praia com Ceci eles correram desesperados para nadar. Ceci tirou a roupa e Max falou Ceci você não tem pipi mas Ceci não tem pipi". V.P.L.



"Max estava espionando em cima da cama de Ceci". G.H.L.

"A Ceci está na praia com o Max passeando juntos e bem feliz". L.D.G.

"Tinha um grupo com pipi e um grupo sem pipi e a Ceci foi pro grupo de Max e o Max ficava o tempo todo vigiando ela e quando ela foi fazer pipi ele foi ver se ela fazia pipi em pé". M.S.F.

"Um dia tão bonito Max espionou Ceci mas para espionar Ceci teve que entrar no banheiro das meninas". M.E.M.M.

"Eu fiz Ceci com seu pijama de mamutes e ela feliz". L.C.S.

"O Max estava pensando porque a Ceci fazia tudo". E.C.O.



Relato de Experiência



trabalhos produzidos pelas crianças, pude problematizar tais manifestações.

Surge o nascimento das possibilidades da vontade de saber (FOUCAULT, 2009). O meu possível era trabalhar o sentimento amor e o meu impossível (LARROSA, 2002), o aparecimento da novidade de lidar com a diversidade sexual.

Pedi para as crianças que dissessem palavras que expressassem o amor. Surgiram palavras como: arrepio, namoro, vontade, beijar, abraçar, dentre outras. Então, pude problematizar as sensações, as diversas brincadeiras onde o toque, o carinho, o como abraçar, beijar, fossem utilizados de forma natural e prazerosa.

O curso "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual

O relato que apresento é decorrente de um projeto sobre "Sentimentos e Sensações" desenvolvido no 2º período da Educação Infantil com crianças de...idade, objetivando lidar com as emoções no contato com o outro e tentando, assim, discutir as manifestações de agressividade.

Tudo começou numa conversa bem descontraída com as crianças a partir dos livros: "Quando me Sinto Amado" e "Quando Sinto Medo" de autoria de Trace Moroney. Assim conversamos sobre as diversas manifestações de sentimentos como amor e medo.

Lancei a seguinte pergunta: Quais maneiras de amar vocês conhecem?

Foram várias as respostas:

Para André – "Amor de namorado"; para Joana – "Amor de pai"; já para Leticia – "Amor de mãe"; o Alison disse uma outra maneira, "Amor de boiola" (risos) e Layêne disse – "Amor de duas mulheres". Então Igor pergunta: Isso existe? Houve a intervenção para a explicação desta forma de amar e o respeito à diversidade e com esses relatos, mais os

trabalhos produzidos pelas crianças, pude problematizar tais manifestações.

Pedi para as crianças que dissessem palavras que expressassem o amor. Surgiram palavras como: arrepio, namoro, vontade, beijar, abraçar, dentre outras. Então, pude problematizar as sensações, as diversas brincadeiras onde o toque, o carinho, o como abraçar, beijar, fossem utilizados de forma natural e prazerosa.

O curso "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual



nos Currículos da Educação Infantil" está apenas no início; tem nos motivado bastante, possibilitando aprofundar o referencial teórico e as práticas de experiências das diversas cidades envolvidas no processo de formação.

trabalhos produzidos pelas crianças, pude problematizar tais manifestações.

Pedi para as crianças que dissessem palavras que expressassem o amor. Surgiram palavras como: arrepio, namoro, vontade, beijar, abraçar, dentre outras. Então, pude problematizar as sensações, as diversas brincadeiras onde o toque, o carinho, o como abraçar, beijar, fossem utilizados de forma natural e prazerosa.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel História da Sexualidade I A Vontade de Saber. Traduzido por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19ª edição. Editora Graal, 2009-SP

BONDÍA, Jorge Larrosa, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação n° 19 ano 2002.



Expediente

Boletim Informativo TEARES
Maio/2010

Este jornal é uma ação do Projeto "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil" Edital Ministério da Educação – MEC / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD e Fundo Nacional Desenvolvimento da Educação – FNDE

Coordenação Geral: Professora Associada Cláudia Maria Ribeiro – DED/UFLA Professora Adjunta Ila Maria Silva de Souza – DED/UFLA

Coordenação Adjunta: Carolina Faria Avarenga (DCH/UFLA); Elizabeth Franco Cruz (USP-Leste); Anderson Ferrari (UFJF); Ricardo de Castro e Silva (FE/Uicamp); Constantina Xavier Filha (UFMS)

Jornalista Responsável: Fátima Ribeiro – Mb 24.952

Editoração e Projeto Gráfico: Chris Sandy

Fotografia: Fátima Ribeiro

Tragem: 3.000 exemplares

Impressão: Indi Gráfica Editora